

APRESENTAÇÃO

O volume 6, número 2, da Revista Grau Zero, organizada pelos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (Campus II) tem como proposta temática *Letramento's e (R) existências*, com o objetivo de discutir a respeito dos Letramentos em uma perspectiva crítica e situada, partindo da ideia de consciência e transgressão da forma hegemônica de escrita e leitura do mundo e das letras.

O dossiê temático pautou-se em estabelecer um diálogo interseccional entre os múltiplos letramentos com poder, educação, cultura e áreas diversas que apontem para variedade das práticas de letramentos, sua importância, suas condições, seu uso e sua situação na contemporaneidade, problematizando e/ou valorizando a diversidade linguística e cultural existentes, suas especificidades locais e as determinadas sócio-culturalmente, seus fundamentos e seu papel na sociedade atual, bem como valorizar as narrativas de forma geral que versem sobre o momento atual e cultural no qual estamos inseridos, sobretudo, na perspectiva da educação.

Destarte, no conjunto de artigos, resenha e entrevista apresentados neste número temos a possibilidade de perceber e discutir os letramentos para além da formalidade escolar, expandindo a percepção e reflexão acerca das múltiplas experiências que compõem os sujeitos e suas histórias. Neste sentido, as discussões permeiam desde a alfabetização escolar às narrativas orais de mulheres e indígenas, demonstrando as diversas e possíveis linguagens.

O primeiro artigo que compõe este dossiê, intitulado, *Letramento digital: novas perspectivas para a prática cidadã*, Mozart Aubert Nascimento Coelho traz à baila a importância do

letramento digital como forma de socialização, cidadania e sobrevivência, tensionando o papel da escola neste processo contemporâneo e ressaltando a necessidade de abertura e adequação desta ao que está posto, bem como a implicação e renovação dos profissionais da educação nesse sentido. Partindo do protagonismo das mídias digitais no cenário hodierno, reflete sobre a sociedade da informação (BUZATO, 2006) e esta nova forma de letramento, suas implicações e desafios com vistas à sua democratização de acesso e utilização a todos.

Em *Letramento e alfabetização na educação de jovens e adultos: trocando ideias e revendo conceitos*, Jaqueline Luzia da Silva aponta os principais desafios para a Educação de Jovens e adultos no Brasil sublinhando a necessidade de uma formação docente voltada ao enfrentamento desses desafios. Propõe um olhar voltado para a aprendizagem do sujeito educando da EJA, que a procura para aprender a ler e a escrever destacando que as habilidades de leitura e escrita não são vistas como “neutras”, mas “são vistas como um conjunto de práticas socialmente construídas envolvendo o ler e o escrever, configuradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições, padrões de poder presentes no contexto social” (SOARES, 2003b, p. 35).

Na seara das múltiplas linguagens em, *O riso e sua relação de poder com a linguagem*, os autores, Iago Gabriel de Oliveira Vieira, Murillo da Silva Neto, apresentam uma reflexão sobre o riso de forma singular, correlacionando-o com as relações de poder que são expostas através do mesmo. Segundo os autores, o riso vai se despontar em duas direções: do cômico, quando manifestado por “grupos de poder” que consideram as suas práticas orais de mais prestígios, em relação aos demais grupos sociais, assim como do ridículo, quando percebido pelos grupos

que se sentem oprimidos pelos “grupos de poder”, por considerarem suas práticas orais menos prestigiadas que a desses grupos. A reflexão está ligada à sociolinguística e encontra ressonância na análise do Preconceito Linguístico, tema caro aos linguistas como Marcos Bagno.

Pensando o processo de Ensino-aprendizagem, a autora, Jocineia Souza da Conceição Santos, no seu artigo: *Ensino de língua portuguesa e letramento: perspectivas na formação crítica e acadêmica do aluno da educação superior*, apoia-se na tríplice “o quê, para quê e como” para refletir sobre o Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Superior, defendendo um ensino menos pragmático e mais funcional e holístico da matéria. Para tanto, reflete, na perspectiva do letramento social, acerca do ensino de Língua Portuguesa não apenas como um ato de saber ler e escrever bem, mas como um poderoso instrumento de letramento e formação crítica do sujeito em sua complexidade, para além do seu uso pragmático.

Em, *O canto do movimento de mulheres trabalhadoras rurais (MMTR) de Inhambupe: uma literatura para além das letras*, Sandra Carvalho Cruz versa sobre a literatura oral como instrumento de letramento e empoderamento feminino das mulheres trabalhadoras rurais do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), que através dos seus cantos (re) inventam suas subjetividades e formas de ver/ler o mundo. O diálogo intersecciona a valorização da cultura popular ao passo que reflete sobre as dicotomias que permeiam a construção dos saberes escolares/populares; literatura oral e escrita; letramentos e alfabetização escolar e as questões de gênero, fazendo uso das narrativas e memórias das mulheres envolvidas na pesquisa.

Imbricando as linguagens e os vários espaços possíveis para a educação, Pedro Henrique Pereira aborda uma temática

extremamente importante, propondo a discussão sobre a educação na era digital e tencionando as plataformas digitais, como o *facebook*, como lócus de educação e posicionamento político através dos *memes* que circulam nas redes, “political memes” (SHIFMMAN, 2014, p. 120). Neste sentido, põe em pauta o uso de novas linguagens (audiovisual e digital) no processo de aquisição e difusão do conhecimento, a partir das quais diversas esferas interseccionam-se produzindo diversos saberes em espaços, simultaneamente, políticos e educativos. Na perspectiva do letramento, o autor põe em cena a utilização dos *memes* como instrumento, bem como o imbricamento político evidente e possível a partir destes. A rapidez com que a informação é gerada, seu caráter visual e artístico atrativo, faz dos *memes* ferramentas educacionais e políticas de extrema validade, entretanto, não substitui a ação dos sujeitos enquanto desejos e corpos encarnados, solicitando, para além desses instrumentos, a agência destes o sentido de expor-se e falar através de si também.

Imbuída nos temas da diversidade sócio-cultural e nas discussões decoloniais, em *Indígenas por eles mesmos: Engajamento, Oralidade e Escrita na Literatura de Autoria Indígena*, Rosiler Santos Silva versa sobre a atuação indígena na cena literária, valorizando a escrita destes e os/as apresentando como protagonistas de suas escritas e oralidades. O texto é sobre e com indígenas, utilizando como lastro teórico textos escritos por autoras/es indígenas, ato fundamental para debate e inclusão destes diante de seu histórico de dizimação e exclusão social, não só na literatura, mas na história como um todo. Além de estabelecer um panorama sobre os aspectos da literatura indígena no Brasil, o texto intersecciona a escrita com a oralidade, demarcando o domínio da escrita como possibilitadora do regis-

tro do índio na história e na academia a partir da escrita dos cantos, ritos e todo tipo de escrita indígena. Essa abordagem é de suma importância em tempos tão sombrios para mostrar que as vozes subalternizadas gritam e ecoam rompendo epistemologias e espaços que sempre lhes foram/são negados.

Problematizando a importância da leitura e da escrita na resolução de problemas matemáticos, Tânia Pinto dos Santos Souza apresenta a sua experiência de produção de textos matemáticos como forma de aprender a matemática de forma contextualizada. A experiência que originou seu texto, intitulado *Redação Matemática*, deu-se no seu lócus de trabalho e apresenta-se como forte aliada no processo de ensino e aprendizagem da disciplina que assusta a muitas/os alunas/os por aí. Apesar da destacada dificuldade em encontrar referências sobre a temática, a autora consegue expor de forma didática sua experiência e a importância de se aprender matemática também como texto, onde ler, escrever e interpretar torna-se condição *sine qua non* para um bom desempenho na resolução de problemas. Visto o grande número de reprovações e as dificuldades demonstradas nas disciplinas de exatas nas salas de aula, discutir outras metodologias, para além das tradicionais, torna-se indispensável para o êxito na aprendizagem da Matemática. Desta sorte, a discussão pode ser um excelente incentivo para práticas diferenciadas e eficazes nesse processo tão temido por muitas/os.

Por fim, em uma discussão fundamental, Zislene Santos Bahia, com o texto: *Contribuições dos Novos Estudos do Letramento para Alfabetização de Adultos* recorreu ao lastro teórico dos Novos Letramentos (anos 60,70) para pensar a necessidade de novas perspectivas de alfabetização para a EJA (Educação de Jovens e Adultos). Levando em conta o contexto social de

opressão e subalternidade de grande parte daquelas/es que recorrem ao EJA, os novos letramentos falam mais de uma perspectiva Freireana de “ler o mundo” do que de apenas aprender signos. Questionando os Letramentos dominantes, protagoniza em sua fala o sujeito aprendente como agente do processo de ensino — aprendizagem, bem como coloca a linguagem no campo da prática social, conforme os estudos abordados. No contexto de um país marcado pela colonização, alfabetizar para a vida torna-se a forma mais eficaz de conscientização dos seres oprimidos e discriminados.

A todos, uma proveitosa leitura!

Fabiane Fernandes Guimarães
Patrícia da Silva Maciel